UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas Mestrado Profissional em Rede Nacional

FRANCESCO ANTONIO CAPO

Escritas da memória: autoria e identidade cultural Anexos

v. 2

São Paulo 2016

FRANCESCO ANTONIO CAPO

Escritas da memória: autoria e identidade cultural Anexos

v. 2

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Rede Nacional, vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

Área de concentração: gêneros discursivos e ensino de língua materna.

Orientador: Profa. Dra. Norma Seltzer Goldstein.

São Paulo 2016

I TEXTOS UTILIZADOS/ MATERIAIS DIDÁTICOS



Texto (3)



Autobiografia

Eu, Severino, nasci numa linda cidade de Minas Gerais, localizada na Zona da Mata, onde vivem mais ou menos 4 a 5 mil habitantes.

Vivi minha infância no sítio dos meus pais, com muito entusiasmo, brincadeiras e fantasias que eram criadas com objetos da natureza. Pisava na lama, na areia, na terra que dava o sustento, com uma liberdade sem igual.

Eu adorava correr, subir nos pés de coqueiros e nas árvores, como as grandes laranjeiras, além das paisagens que meus olhos conseguiam ver.

Admirava os peixes que havia no lago em frente de casa e no quintal da casa da minha avó. Adorava nadar, tomar banho de cachoeira, observar os peixes e pensar sobre como eles respiram dentro d'áqua.

Mas o tempo foi passando, fui chegando aos oito anos. Meus pais me matricularam numa escola onde estudei até os dez anos, mas eu não poderia continuar lá.

Fui para outra escola, onde estudei até a 4ª série e parei por não ter condições, e também porque a escola era muito longe e não tinha condução.

Preferi ajudar meus pais. Trabalhando arando a terra, puxando cana para fazer rapadura, passando o tempo, completei dezoito anos, então não queria ficar mais trabalhando ali. O salário era pequeno e meu tio me convidou para vir para São Paulo. Em Diadema, estava difícil arranjar emprego, mas logo consegui. Algum tempo depois, resolvi morar sozinho.

Uns quatro anos depois, conheci a Joana e resolvemos casar. Ainda pagando aluguel, comprei uma casa em Santo Amaro, mas não gostei e voltei para Diadema, onde moro até hoje.

Estamos casados há quatro anos, ainda não temos casa, mas brevemente terminarei a

Em 1999 resolvi continuar os estudos, consegui uma vaga na Escola Municipal, onde estou até hoje, na 7ª série e pretendo estudar até a 8ª série.

Texto produzido por um aluno de EJA.

dentro do texto

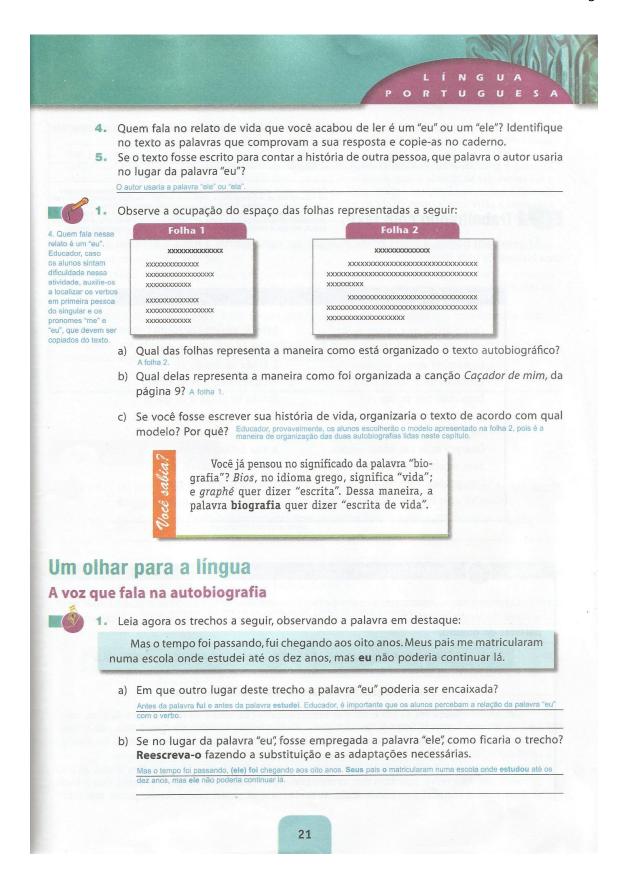


- Você gostou de conhecer a história de um aluno que resolveu voltar a estudar? Por quê?
- Com base na leitura do texto, responda:
 - a) Por qual motivo você acha que o autor escreveu esse texto? Para contar a sua história de vida, para partilhar suas vivências com o próximo e perceber a importância de seu papel, de sua história na sociedade e na vida de outras pessoas.
 - b) Você já havia lido outros textos parecidos com esse? Onde?
- 3. Quais são as semelhanças e diferenças entre a história de vida de Cazuza e a de Viriato

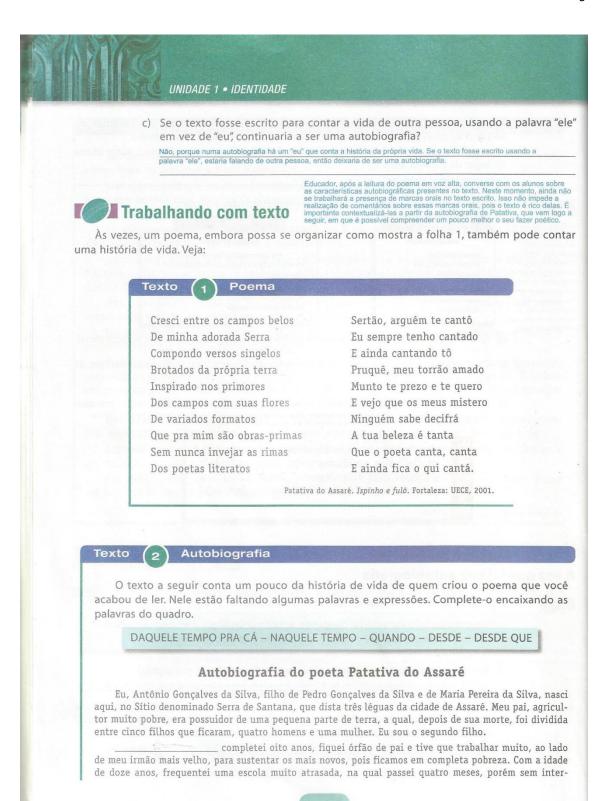
O texto 2 está focado nas experiências que o menino teve em relação à escola, tanto no povoado quanto na Vila Coroatá. Já o texto 3 descreve não apenas o fato de Severino parar de estudar, mas também apresenta dados sobre a sua infância relacionada experiências agradáveis, além de falar de sua trajetória de vida, relatando outros fatos.

20

In: MARCHETTI, Greta Nascimento; SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. Educação de Jovens e Adultos, 6º ao9º ano do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. São Paulo: IBEP, 2009, p. 20.



In: MARCHETTI, Greta Nascimento; SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. Educação de Jovens e Adultos, 6º ao9º ano do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. São Paulo: IBEP, 2009, p. 21.



In: MARCHETTI, Greta Nascimento; SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. Educação de Jovens e Adultos, 6º ao9º ano do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. São Paulo: IBEP, 2009, p. 22.

22

	PORTUGUES
com as let apaixonad anos come seguinte: o mato es cantar de que os int Nunca alguém mo Não t	não frequentei mais escola nenhuma, porém sempre lidando ras, quando dispunha de tempo para este fim muito criança que sou o pela poesia, onde alguém lia versos, eu tinha que demorar para ouvi-los. De treze a quatorze cei a fazer versinhos que serviam de graça para os serranos, pois o sentido de tais versos era obrincadeiras de noite de São João, testamento do Juda, ataque aos preguiçosos, que deixavam tragar os plantios das roças, etc. Com dezesseis anos de idade, comprei uma viola e comecei a improviso, pois eu já improvisava, glosando os motes eressados me apresentavam. a quis fazer profissão de minha música, sempre tenho cantado, glosado e recitado, quando e convida para este fim. tenho tendência política, sou apenas revoltado contra as injustiças que venho notando tomei algum conhecimento das coisas, provenientes talvez da lasa, que continua fora do programa da verdadeira democracia. a 5 de março de 1909. Perdi a vista direita, no período de dentição, em consequência da mo-
léstia vulg	garmente conhecida por dor-d'olhos.
Desde roçazinha	e que comecei a trabalhar na agricultura, até hoje, nunca passei um ano sem botar a minha , só não plantei roça no ano em que fui ao Pará.
	Disponível em: <www.geocities.com 7103="" athens="" autobiopas.htm="" oracle="">. Acesso em: 25 set. 2006</www.geocities.com>
Por di	<i>entro do texto</i> Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp
Por d	Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp que com suas palavras, sem copiar trechos do texto, como foi essa infância. Resposta esperada: Patativa do Assaré teve uma infância rural, sempre trabalhando na roça. Após perder o pai, assumiu, junto
Por d	Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp que com suas palavras, sem copiar trechos do texto, como foi essa infância.
1.	Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp que com suas palavras, sem copiar trechos do texto, como foi essa infância. Resposta esperada: Patativa do Assaré teve uma infância rural, sempre trabalhando na roça. Após perder o pai, assumiu, junto com o irmão mais velho, a responsabilidade pela familia. Patativa do Assaré tem outra atividade além de escrever poesia? Justifique a sua reposta com informações presentes no texto.
1.	Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp que com suas palavras, sem copiar trechos do texto, como foi essa infância. Resposta esperada: Patativa do Assaré teve uma infância rural, sempre trabalhando na roça. Após perder o pai, assumiu, junto com o irmão mais velho, a responsabilidade pela familia. Patativa do Assaré tem outra atividade além de escrever poesia? Justifique a sua re
1.	Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp que com suas palavras, sem copiar trechos do texto, como foi essa infância. Resposta esperada: Patativa do Assaré teve uma infância rural, sempre trabalhando na roça. Após perder o pai, assumiu, junto com o irmão mais velho, a responsabilidade pela familia. Patativa do Assaré tem outra atividade além de escrever poesia? Justifique a sua ro posta com informações presentes no texto. Sim, ele também é agricultor. Patativa diz no texto que, quando ficou órfão de pai, aos oito anos, teve de trabalhar na agricultura para sustentar os irmãos mais novos e que nunca passou um ano sem botar a sua roça. Quando Patativa do Assaré começou a se interessar pela poesia?
1.	Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp que com suas palavras, sem copiar trechos do texto, como foi essa infância. Resposta esperada: Patativa do Assaré teve uma infância rural, sempre trabalhando na roça. Após perder o pai, assumiu, junto com o irmão mais velho, a responsabilidade pela familla. Patativa do Assaré tem outra atividade além de escrever poesia? Justifique a sua re posta com informações presentes no texto. Sim, ele também é agricultor. Patativa diz no texto que, quando ficou órfão de pai, aos oito anos, teve de trabalhar na agricultura para sustentar os irmãos mais novos e que nunca passou um ano sem botar a sua roça.
1.	Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp que com suas palavras, sem copiar trechos do texto, como foi essa infância. Resposta esperada: Patativa do Assaré teve uma infância rural, sempre trabalhando na roça. Após perder o paí, assumiu, junto com o irmão mais velho, a responsabilidade pela familia. Patativa do Assaré tem outra atividade além de escrever poesia? Justifique a sua reposta com informações presentes no texto. Sim, ele também é agricultor. Patativa diz no texto que, quando ficou órfão de paí, aos oito anos, teve de trabalhar na agricultura para sustentar os irmãos mais novos e que nunca passou um ano sem botar a sua roça. Quando Patativa do Assaré começou a se interessar pela poesia? Desde muito criança. De acordo com o texto: onde alguém lia versos ele parava para ouvi-los. Por volta dos treze anos, fazia versinhos para os serranos. Com base nas informações do texto, responda: você acredita que a relação de Pataticom os textos influenciou a maneira como o poeta via e percebia o mundo? Por que
1.	Da leitura do texto, podemos perceber como foi a infância de Patativa do Assaré. Exp que com suas palavras, sem copiar trechos do texto, como foi essa infância. Resposta esperada: Patativa do Assaré teve uma infância rural, sempre trabalhando na roça. Após perder o pai, assumiu, junto com o irmão mais velho, a responsabilidade pela familia. Patativa do Assaré tem outra atividade além de escrever poesia? Justifique a sua reposta com informações presentes no texto. Sim, ele também é agricultor. Patativa diz no texto que, quando ficou órfão de pai, aos oito anos, teve de trabalhar na agricultura para sustentar os irmãos mais novos e que nunca passou um ano sem botar a sua roça. Quando Patativa do Assaré começou a se interessar pela poesia? Desde muito criança. De acordo com o texto: onde alguém lia versos ele parava para ouvi-los. Por volta dos treze anos, fazia versinhos para os serranos. Com base nas informações do texto, responda: você acredita que a relação de Patati

In: MARCHETTI, Greta Nascimento; SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. **Educação de Jovens e Adultos, 6º ao9º ano do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa.** São Paulo: IBEP, 2009, p. 23.



UNIDADE 1 • IDENTIDADE

5. Ao longo do texto, o poeta afirma que não passou muito tempo na escola. Mesmo assim, ele se tornou um poeta conhecido em todo o Brasil. Em sua opinião, apenas a escola faz com que uma pessoa desenvolva as suas habilidades?

Resposta esperada: Além da escola, há outros lugares e ocasiões em que as pessoas aprendem, entram em contato com coisas de que gostam, despertam seus interesses, adquirem novos conhecimentos e desenvolvem habilidades.

Um olhar para a língua

Marcas de tempo na autobiografia



- Releia as palavras que você encaixou no texto 2, Autobiografia, da seção Aprofundando o tema. Depois, volte à autobiografia de Severino e leia as expressões em destaque. Em seguida, responda:
 - a) Pelo que você observou, esse tipo de palavra ou expressão costuma sempre aparecer em autobiografias?

Sim. Tanto no texto 2 quanto no 3 da seção **Aprofundando o tema** das páginas 17 e 20, podemos encontrar esses tipos de palavras ou expressões

b) Para que elas servem? Mostrar lugar? Localizar no tempo? Dar uma resposta? Apresentar o espaço?

Localizar no tempo.

- c) Em um texto autobiográfico, qual é a importância dessas palavras e expressões? Nesses textos, essas palavras são muito importantes, pois servem para localizar no tempo as ações e os fatos mencionados nos textos.
- 3. Entre os itens a seguir, marque com um X os que são importantes para a escrita de um texto autobiográfico:
 - (x) Considerar que essa narrativa é escrita por um "eu".
 - () Informar o leitor sobre as últimas notícias.
 - (x) Trabalhar a sua memória para dar significado à sua história, mencionando no texto os acontecimentos importantes.
 - () Contar um fato engraçado para fazer rir.
 - (x) Preocupar-se em localizar no tempo e no espaço os acontecimentos narrados, organizando-os a partir de seus objetivos de comunicação.
 - (x) Apresentar no texto fatos que representem as suas relações consigo, com as outras pessoas e com o mundo.

Registrando ideias...

Educador, uma estratégia interessante para desenvolver essa atividade é realizá-la coletivamente, sistematizando na lousa as respostas apresentadas pelos alunos. 1. A história é sempre narrada por um "eu". 2. Narra fatos verídicos (reais). 3. Localiza no tempo e no espaço os acontecimentos. 4. Possibilita refletir sobre experiências de vida. 5. É um texto que costuma ser escrito em prosa, mas também pode ser escrito em versos.

Junto com seu educador e seus colegas, escreva, em itens, as características de um texto autobiográfico.

24

In: MARCHETTI, Greta Nascimento; SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. Educação de Jovens e Adultos, 6º ao9º ano do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. São Paulo: IBEP, 2009, p. 24.

Circuito Fechado

Ricardo Ramos

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, telefone, agenda, copo com lápis, caneta, blocos de notas, espátula, pastas, caixa de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetos de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo. xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, externo, papéis, prova anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e

fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

A Pesca

Affonso Ramos de Sant'Anna

- o anil
- o anzol
- o azul
- o silêncio
- o tempo
- o peixe
- a agulha vertical mergulha
- a água
- a linha
- a espuma
- o tempo
- a âncora
- o peixe
- a boca
- o arranco
- o rasgão

aberta a água aberta a chaga aberto o anzol

aquelíneo ágilclaro estabanado

o peixe a areia o sol

Vidinha Redonda

Kátia da Costa Aguiar

óvulo. embrião, Esperma, parto. Bebê, sobressalto, cocô, xixi, fralda, leite, colo, sono. Doença, vômito, pavor, pediatra, remédio, preço. Murmúrio, passos, fala. Escola, lancheira, material, professora. Curiosidade, Crescimento. desenvolvimento. descoberta. pelos pubianos, seios, curvas, menstruação, modess, cólica, atroveran, adolescência. Primeiro beijo, paixão, shopping center. Batom, esmalte, rinsagem, depilação. namorado, pressão, intimidade, culpa. Festa, pai, ciúme, relógio, motel, desculpa, dissimulação. Faculdade, trabalho, consciência, cansaço, sossego, idade. Noivado, loja, fogão, geladeira, cama, mesa, banho, aliança, chá-de-panela. Cartório, igreja, núpcias. Sexo, trabalho, sexo, trabalho, sexo, esperma, óvulo, licença, parto.

In: www.pucrs.br/gpt/substantivos.php. Acesso em 10/10/2015.

ATIVIDADE

Agora, vamos produzir uma sequência textual **narrativa** com frases completas (com artigos, verbos e outras palavras), narrando os eventos ocorridos em um dia comum de nossas vidas. Para tanto, você poderá se basear no texto de Ricardo Ramos.

Atenção: utilize os tempos verbais do passado (pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito mais-que-perfeito).

Menino de Engenho

Um

EU TINHA uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu. Dormia no meu quarto, quando pela manhã acordei com um enorme barulho na casa toda. Eram gritos e gente correndo para todos os cantos. O quarto de dormir de meu pai estava cheio de pessoas que eu não conhecia. Corri para lá e vi minha mãe estendida no chão e meu pai caído em cima dela como um louco. A gente toda que estava ali olhava para o quadro como se estivesse a assistir a um espetáculo. Vi então que minha mãe estava toda banhada em sangue, e corri para beijá-la, quando me pegaram pelo braço com força. Chorei, fiz o possível para livrar-me. Mas não me deixaram fazer nada. Um homem que chegou com uns soldados mandou então que todos saíssem, que só podia ficar ali a Polícia e mais ninguém.

Levaram-me para o fundo da casa, onde os comentários sobre o fato eram os mais variados. O criado, pálido, contava que ainda dormia quando ouvira uns tiros no primeiro andar. E, correndo para cima, vira o meu pai ainda com o revólver na mão e a minha mãe ensangüentada. "O doutor matou a Dona Clarisse! Por quê?" Ninguém sabia compreender.

O que eu sentia era uma vontade desesperada de ir para junto de meus pais, de abraçar e beijar minha mãe. Mas a porta do quarto estava fechada, e o homem sério que entrara não permitia que ninguém se aproximasse dali. O criado e a ama, diziam, estavam lá dentro em interrogatório. O que se passou depois não me ficou bem na memória.

À tarde o criado leu para a gente da cozinha os jornais com os retratos grandes de minha mãe e de meu pai. Ouvi como se aquilo fosse uma história de Trancoso. Pareciam-me tão longe, já, os fatos da manhã, que aquela narrativa me interessava como se não fossem os meus pais os protagonistas. Mas logo que vi na página de um dos jornais a minha mãe, estendida, com os cabelos soltos e a boca aberta, caí num choro convulso. Levaram-me então para a praça que ficava perto de minha casa. Lá estavam outros meninos do meu tamanho e eu brinquei com eles a tarde toda. As criadas é que conversavam muito sobre o meu pai e a minha mãe, contando umas às outras coisas a que eu não prestava atenção, pois no que eu cuidava era nos meus brinquedos com os amigos.

Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência da mãe. A casa vazia e o quarto dela fechado. Um soldado tomando conta de tudo. As criadas da vizinhança queriam vir conversar por ali. O soldado não consentia. Deitaram-me a dormir, sozinho. E o sono demorou a chegar. Fechava os olhos, mas faltava-me qualquer coisa. Pela minha cabeça passavam, às pressas e truncados, os sucessos do dia. Então começava a

chorar baixinho para o travesseiro, um choro abafado, de quem tivesse medo de chorar.

2. AINDA me lembro de meu pai. Era um homem alto e bonito, com uns olhos grandes e um bigode preto. Sempre que estava comigo, era a beijarme, a contar-me histórias, a fazer-me as vontades. Tudo dele era para mim. Eu mexia nos seus livros, sujava as suas roupas, e meu pai não se importava. Às vezes, porém, ele entrava em casa calado. Sentava-se numa cadeira ou passeava pelo corredor com as mãos atrás das costas, e discutia muito com minha mãe. Gritava, dizia tanta coisa, ficava com uma cara de raiva que me fazia medo. E minha mãe ia para o quarto aos soluços. Eu não sabia compreender o porquê de toda aquela discussão. Sei que, daí a pouco, lá estava ele com a minha mãe aos beijos. E o resto da noite, até me ir deitar, era só com ela que ele estava, com os olhos vermelhos de ter chorado também.

Eu amava-o, porque o que eu queria fazer ele o consentia, e brincava comigo no chão como um menino da minha idade. Depois é que vim a saber muita coisa a seu respeito: que era um temperamento de excitado, um nervoso, para quem a vida só tivera o seu lado amargo. A sua história, que mais tarde conheci, era a de um homem arrebatado pelas paixões, a de um coração sensível demais às suas mágoas. Coitado de meu pai! Parece que o vejo quando saiu de casa com os soldados, no dia do seu crime. Que ar de desespero ele levava no rosto de moço! E o abraço doloroso que me deu nessa ocasião! Vim a compreender, por aquele tempo, por que razão se deixara levar ao desespero. O amor que tinha pela esposa era o amor de um louco. O seu lugar não era no presídio para onde o levaram. O meu pobre pai, dez anos depois, morria na casa de saúde, liquidado por paralisia geral.

3. TODOS os retratos que tenho de minha mãe não me dão nunca a verdadeira fisionomia que eu guardo dela — a doce fisionomia daquele rosto, daquela melancólica beleza do seu olhar. Ela passava o dia inteiro comigo. Era pequena e tinha os cabelos pretos. Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos. Dona Clarisse, como lhe chamavam os criados, parecia mesmo uma figura de estampa. Falava para todos com um tom de voz de quem pedisse um favor, mansa e terna como uma menina de internato. Criara-se num colégio de freiras, sem mãe, pois o pai ficara viúvo quando ela ainda não falava. Filha de senhor de engenho, parecia mais, pelo que me contavam dos seus modos, uma dama nascida para a reclusão.

À noite ela fazia-me dormir. Adormecer nos seus braços, ouvindo a surdina daquela voz, era o meu requinte de sibarita pequeno.

Ela enchia-me de carícias. E quando o meu pai chegava, nas suas crises, exasperado como um pé-de-vento, eu via-a chorar e pronta a

esquecer todas as intemperanças verbais do seu marido. Os criados amavam-na. Ela também os tratava com uma bondade que não conhecia mau humor.

Horas inteiras eu fico a pintar o retrato dessa mãe angélica, com as cores que tiro da imaginação, e vejo-a assim, ainda tomando conta de mim, dando-me banhos e vestindo-me. A minha memória ainda guarda detalhes bem vivos que o tempo não conseguiu destruir.

O seu destino fora cruel: morrer como morreu, vítima de excesso de cólera do homem que tanto amara; e depois, cheia de pudor e de recato, a encher as folhas de sensação, com o seu retrato, com histórias mentirosas da sua vida íntima.

A morte de minha mãe encheu-me a vida inteira de uma melancolia desesperada. Porque teria sido com ela tão injusto o destino, injusto com uma criatura em que tudo era tão puro? Esta força arbitrária do destino ia fazer de mim um menino meio céptico, meio atormentado de visões ruins.

In: REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, p. 3-7.

16. MEU avô me levava sempre nas suas visitas de corregedor às terras do seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores, fazer uma visita de senhor aos seus campos. O velho José Paulino gostava de percorrer a sua propriedade, de andá-la canto por canto, entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões do seu povo, dar os seus gritos de chefe, ouvir queixa; e implantar a ordem. Andávamos muito nessas suas visitas de patriarca. Ele parava de porta em porta, batendo com a tabica de cipó-pau nas janelas fechadas. Acudia sempre uma mulher com cara de necessidade: a pobre mulher que paria os seus muitos filhos em cama de vara e os criava até grandes com o leite de seus úberes de mochila. Elas respondiam pelos maridos:

- Anda no roçado.
- Está doente.
- Foi para a rua comprar gás.

Outras lastimavam-se de doenças em casa, os meninos de sezão e o pai entrevado em cima da cama. E quando o meu avô queria saber porque o Zé Ursulino não vinha para os seus dias no eito, elas arranjavam desculpas:

— Levantou-se hoje do reumatismo.

O meu avô então gritava:

- Boto pra fora. Gente safada, com quatro dias de serviço adiantado e metidos no eito do Engenho Novo. Pensam que eu não sei? Toco fogo na casa.
- É mentira, seu coronel, Zé Ursulino nem pode andar. Tomou até purga de batata. O povo foi contar mentiras pro senhor. Santa Luzia me cegue se estou inventando.

E os meninos nus, de barriga tinindo como bodoque. E o mais pequeno, na lama, brincando com o barro sujo como se fosse com areia da praia.

- Estamos a morrendo de fome. Deus quisera que Zé Ursulino estivesse com saúde.
 - Diga a ele que para a semana começa o corte da cana.

E quase sempre mais adiante nós encontrávamos Zé Ursulino de cacete na mão e com a sua saúde bem rija.

— Já disse à sua mulher que lhe boto pra fora. Não vai trabalhar na *fazenda*, mas anda vadiando por aí. Não quero cabra safados no meu engenho.

E era a mesma conversa. Que pra semana ia na certa. Que andava doente de novo, com dores pelo corpo todo.

Doutras vezes batíamos a uma porta aonde não acudia ninguém. Mais adiante a família toda estava pegada na enxada. O homem, a mulher, os meninos. E vinha logo de chapéu na mão, pedir as suas ordens. Era um rendeiro que não tinha a obrigação dos três dias no eito. Pagava o foro ficava livre da servidão da bagaceira. O seu roçado de algodão e de fava garantia essa meia liberdade que gozava, Então meu avô perguntava pelo que se passava nos arredores, se alguém andava vendendo algodão por fora tirando lenha da mata para vender.

- Que eu saiba, não, seu coronel.
- Pois você vigie por aqui. E depois:
- Cabra bom me dizia. Nunca me deu trabalho.

E numa casa de palha uma mulher branca, como de madapolão, sem uma gota de sangue na cara, com um menino pequeno engatinhando no chão quente do terreiro e outro de peito, nos braços: era a mulher de Chico Baixinho. Tinha parido há oito dias, e o marido no mundo.

— Ninguém sabe onde ele anda, seu coronel. Aquilo é um desgraçado. Me deixou em cima da cama com a barriga rachando, e danouse. Só não morri à míngua porque o povo daqui socorreu.

O meu avô dizia para ela ir buscar bacalhau no engenho. Noutra casa o povo todo estava caído de sezão. Tinham voltado da várzea de Goiana amarelos e inchados paludismo.

— Mande o menino buscar quinino no engenho. Vocês saem daqui com saúde e voltam assim em petição de miséria. Vão outra vez pra Goiana.

Eram assim as viagens do meu avô, quando ele saía a correr todas as suas grotas, revendo os pés de pau de seu engenho. Ninguém lhe tocava num capão de mato, que era mesmo que arrancar um pedaço de seu corpo. Podiam roubar as mandiocas que plantava pelas chãs, mas não lhe bulissem nas matas. Ele mesmo, quando queria fazer qualquer obra, mandava comprar madeira nos outros engenhos. Os seus paus-d'arco, as suas perobas, os seus corações-de-negro cresciam indiferentes ao machado e às serras. Uma vez, numa das nossas viagens, vi-o furioso como nunca. Entrávamos por uma picada na mata grande, e ouvimos um ruído de machado:

- Quem lhe deu ordem para botar abaixo este pau-d'arco?
- Foi o doutor Juca respondeu mais morto do que vivo o seu Firmino carpina.
- Mas o senhor sabe que eu não quero que se meta machado por aqui, com os seiscentos mil diabos!

E voltou para casa sem dar mais uma palavra, sem parar em parte alguma.

In: REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, pp. 36-39.

- 18. O MEU avô mandou botar o cabra no tronco. E nós fomos vêlo, estendido no chão, com o pé metido no furo do suplício. Raramente eu tinha visto gente no tronco. Somente um negro ladrão de cavalos ficara ali até que chegassem os soldados da vila, que o levaram. Agora, porém, Chico Pereira estava lá, com os pés no buraco redondo.
- É mentira daquela bicha severgonha. Ela botou pra cima de mim os estragos que os outros fez. Ela pode casar com o diabo, comigo não. O coronel me mata, mas eu não me amarro com aquela peste. Vou pra cadeia, crio bicho na peia, mas não vivo com a descarada daquela quenga. Eu não tapo buraco dos outros.

O cabra, deitado de costas, com os pés presos no tronco, me impressionou com aquela sua fala de revoltado. Chico Pereira era cambiteiro, moleque chibante da bagaceira, cheio de ditos e nomes obscenos. Todo mundo acreditava que tivesse sido ele mesmo o autor do malfeito na mulata Maria Pia. A mãe da ofendida viera dar queixas ao meu avô, botando a coisa pra cima de Chico Pereira. E no tronco ele ficaria até se resolver a casar com a sua vítima.

No outro dia voltei para junto do prisioneiro. As pernas presas já estavam inchadas, apertadas demais no buraco do tronco. Ele quando me viu me chamou:

— Vá pedir a Maria Menina para me valer.

Tia Maria me disse:

— Se ele deve, deve pagar.

Na hora do almoço eu mesmo fui levar ao preso o prato de comida. Estava com o corpo todo dormente. Aquela imobilidade de mais de 24 horas ia deixando entorpecida a circulação.

— Morro aqui, e não caso. Aquela desgraçada me paga. O coronel pode me picar de facão.

Fiquei ao lado de Chico Pereira, deixei os meus primos e os moleques. Não fui ao poço lavar os cavalos para ficar com ele, conversando, ouvindo as suas histórias, sentindo as suas angústias. Era uma injustiça o que estavam fazendo. Por que não seria mentira da mulata? Não havia ninguém no engenho que estivesse a favor do cabra. A moça tinha sido ofendida, e o moleque que pagasse o que devia. Chico Pereira só contava comigo.

À tarde, estava o meu avô sentado na sua cadeira, perto da banca, no alpendre, quando chegaram Maria Pia e a mãe. Vinham todas duas chorando. A velha correu logo para a tia Maria, ajoelhando-se aos seus pés:

— Proteja a minha filha, Maria Menina.

O meu avô ordenou que acabasse com aquela latomia. E mandou buscar um livro que havia debaixo do santuário.

— Você vai jurar em cima deste livro santo como contará a verdade de tudo. O cabra está no tronco. Ele nega, prefere morrer a casar. Vamos, bote a mão aqui em cima e diga o nome de quem lhe fez mal.

Deu o livro vermelho com a cruz dourada na capa para a negra botar a mão em cima. A velha e a filha ficaram fora do mundo. Aquele livro santo não era para menos. E então a mãe de Maria Pia, como se estivesse com a faca nos peitos:

— Menina, não bota a tua alma no inferno.

O povo todo tinha chegado para perto da mulata.

— Vamos — disse o meu avô, com aquela sua voz de mando.

E a mulata com os olhos esbugalhados:

— Juro que foi o doutor Juca quem me fez mal.

O meu avô não deu uma palavra. Só fez dizer:

— Soltem o cabra.

Corri para ver Chico Pereira, com a ânsia de encontrar o meu constituinte inocente.

Ele não podia andar. Os pés inchados não tocavam no chão.

— Estou com um formigueiro no corpo todo. Eu não dizia que a negra não prestava? O doutor Jucá agora vai ficar com mais esta nas costas.

Na casa-grande só se falava baixinho no caso. Minha tia Maria não me deu uma palavra. Na hora da ceia meu avô pouco falou. Tio Jucá não viera para a mesa. Apenas no fim o velho José Paulino queixou-se:

— Não sei pra que servem os estudos. A gente gasta um dinheirão, e eles voltam pra fazer besteiras desta ordem.

In: REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971, pp. 42-45.

ATIVIDADES

1. Vamos, coletivamente, reescrever o fragmento abaixo transcrito, transpondo o que estiver no discurso direto para o discurso indireto. **Atenção**: para que tal operação se realize adequadamente, são necessárias várias adaptações.

E numa casa de palha uma mulher branca, como de madapolão, sem uma gota de sangue na cara, com um menino pequeno engatinhando no chão quente do terreiro e outro de peito, nos braços: era a mulher de Chico Baixinho. Tinha parido há oito dias, e o marido no mundo.

— Ninguém sabe onde ele anda, seu coronel. Aquilo é um desgraçado. Me deixou em cima da cama com a barriga rachando, e danou-se. Só não morri à míngua porque o povo daqui socorreu.

O meu avô dizia para ela ir buscar bacalhau no engenho. Noutra casa o povo todo estava caído de sezão. Tinham voltado da várzea de Goiana amarelos e inchados paludismo.

- Mande o menino buscar quinino no engenho. Vocês saem daqui com saúde e voltam assim em petição de miséria. Vão outra vez pra Goiana.
- 2. Agora é a sua vez: faça as mesmas operações que fizemos no exercício anterior a partir do fragmento transcrito a seguir.

Deu o livro vermelho com a cruz dourada na capa para a negra botar a mão em cima. A velha e a filha ficaram fora do mundo. Aquele livro santo não era para menos. E então a mãe de Maria Pia, como se estivesse com a faca nos peitos:

— Menina, não bota a tua alma no inferno.

O povo todo tinha chegado para perto da mulata.

— Vamos — disse o meu avô, com aquela sua voz de mando.

E a mulata com os olhos esbugalhados:

- Juro que foi o doutor Juca quem me fez mal.
- O meu avô não deu uma palavra. Só fez dizer:
- Soltem o cabra.

ATIVIDADE – PONTUAÇÃO, PARAGRAFAÇÃO E USO DE INICIAIS MAIÚSCULAS

Reescreva o texto abaixo, acrescentando pontos, utilizando iniciais maiúsculas quando necessário e organizando-o em parágrafos.

relato de maria

meu nome é maria medeirão da cruz eu nasci no ano de 1989 quando eu era ainda bem pequena, meu pai foi embora e minha mãe me deixou com minha avó porque ela tinha que ir para uma cidade maior para trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a gente daí o tempo foi passando e minha mãe não tinha como vir me ver passavam meses e meses e ela só ganhava o dinheiro da comida, então não dava para vir me ver ela trabalhava em uma loja como balconista e morava com uma irmã dela mais tarde, minha mãe casou e teve uma outra filha chamada ana maria eu tinha seis anos e gostei muito de ter uma irmã sempre quis ter um irmão ou irmã para brincar eu não tinha amigos, aliás, ter eu tinha, mas eles nem davam muita atenção para mim quando fiz onze anos, eu vim do interior do recife para são paulo, capital, com minha avó, que eu gosto como se fosse minha mãe porque foi ela que me criou desde que era bem pequena eu sofri muito quando deixei recife, estranhei muito as coisas em são paulo mas acabei gostando muito de são paulo, pois é uma cidade maravilhosa, onde eu estou conseguindo estudar e fiz alguns amigos muito legais mas no ano passado minha mãe ficou doente e eu voltei para o recife para ajudar a cuidar dela, de ana e meu padrasto meu padrasto é um homem bom que trabalha em um barco de pesca às vezes ele passa alguns dias fora de casa, pescando gostei de ver de novo minha irmã e minha mãe, mas figuei feliz quando minha mãe melhorou e eu voltei para são paulo na casa da minha avó.

maria medeirão da cruz, 16anos

(adaptação do texto "Relato de Maria", in: MARCHETTI, Greta Nascimento; SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. Educação de Jovens e Adultos, 6º ao9º ano do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa. São Paulo: IBEP, 2009, p. 181)

TEXTO ORIGINAL

Meu nome é Maria Medeirão da Cruz. Eu nasci no ano de 1989.

Quando eu era ainda bem pequena, meu pai foi embora e minha mãe me deixou com minha avó porque ela tinha que ir para uma cidade maior para trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a gente.

Daí o tempo foi passando e minha mãe não tinha como vir me ver. Passavam meses e meses e ela só ganhava o dinheiro da comida, então não dava para vir me ver. Ela trabalhava em uma loja como balconista e morava com uma irmã dela.

Mais tarde, minha mãe casou e teve uma outra filha chamada Ana Maria. Eu tinha seis anos e gostei muito de ter uma irmã. Sempre quis ter um irmão ou irmã para brincar. Eu não tinha amigos, aliás, ter eu tinha, mas eles nem davam muita atenção para mim.

Quando fiz onze anos, eu vim do interior do Recife para São Paulo, capital, com minha avó, que eu gosto como se fosse minha mãe porque foi ela que me criou desde que era bem pequena.

Eu sofri muito quando deixei Recife, estranhei muito as coisas em São Paulo. Mas acabei gostando muito de São Paulo, pois é uma cidade maravilhosa, onde eu estou conseguindo estudar e fiz alguns amigos muito legais.

Mas no ano passado minha mãe ficou doente e eu voltei para o Recife para ajudar a cuidar dela, de Ana e meu padrasto.

Meu padrasto é um homem bom que trabalha em um barco de pesca. Às vezes ele passa alguns dias fora de casa, pescando.

Gostei de ver de novo minha irmã e minha mãe, mas fiquei feliz quando minha mãe melhorou e eu voltei para São Paulo na casa da minha avó.

Maria Medeirão da Cruz, 16anos

In: MARCHETTI, Greta Nascimento; SILVA, Cícero de Oliveira; SILVA, Elizabeth Gavioli de Oliveira. **Educação de Jovens e Adultos, 6º ao9º ano do Ensino Fundamental – Língua Portuguesa.** São Paulo: IBEP, 2009, p. 181.

II TEXTOS DE ALUNOS

A) Textos produzidos no laboratório de informáticaⁱ

_

ⁱ Os textos foram aqui transcritos exatamente como os alunos os escreveram. Muitos desses textos estão inacabados porque os alunos não conseguiram terminá-los antes do final da aula. Até o término deste relatório, a aula de informática em que os alunos terminariam tais textos não se realizou, embora esteja programada.

Descrições de uma pessoa que marcou a infância:

Texto 1

A minhamãe era uma senhora guerreira, lutou muito para criar seus oitos filho perdi meu pai quando eu tinha 5 anos minha mãe sofreu muito mas graça adeus criou

Texto 2

Era uma noite de São João. Eutinha muita saudade do meu pai e da minha mãe e da minha terra que tinha muito fogueiras é muito foro e muito comida

Texto 3

Meu paiera bravo, mas, ao mesmo tempo, era doce, por isso eu só o que só hoje um home com 35 anos não mi entreguei ao lado erado

Texto 4

A minha mãe. Comonão falar de uma pessoa tão linda, que sempre estará presente em minha vida. Lembro muito quando estávamos juntas, era sempre uma alegria, mesmo sozinha, me criando e a meusirmãos com muita dificuldades, ela nunca desistiu de lutar. Lembro comohoje, não tendo muito o que fazer, a única diversão era quando minha mãe nos deixava assistir televisão na calçada da dona Julia. Era um dia que todos nos ficávamos felizes, com tão pouco era comesse pouco que é ramos felizes

Texto 5

Eu fui criada pelos meus avós maternos, sinto saudade deles. Quando eu era criança, ele contava histórias para mim todas as noites. Hoje me lembro com muitas, saudadedeles

Texto 6

As pessoas que mais lembro do meu natural se chamavam Florisval e Doralice, vizinhos de meus pais eram pessoas que meus pais mais confiavam para as filhas passear ou passar as festas junina la nos se divertia muito a Doralice fazia muitas comidas diferentes depois ligava o som com as musicas zepraiba e dançávamos muito nessa época eu tinha dezesseis anos

Texto 7

Nome dotexto meu avô

Sinto muitasaudade do meu avô, ele matava porco e vendia para as redondezas

Etodos da redondezas gostavam da carne e meu avo era considerado

O melhor açougueiro daquela região.

Texto 8

Meu pai era muito alegre, dançava ao pé das fogueiras acesas, gostava muito de criança, de balão, andava a cavalo. Eu gostava quando meu pai me chamava para jantar hoje me lembro com muitas saudade das brincadeira na fogueira São João

Texto 9

A minha mãe era uma pessoa maravilhosa. Quando era noite de São João, ela fazia muitas comidas, o meu padrasto fazia uma enorme fogueira e vinham muitas pessoas na minha casa. Nós nos divertíamos muito em volta da fogueira, ouvíamos muitas histórias engraçadas. Hoje não ouço mais as vozes deles. Quero falar, da minha mãe e do meu padrasto, sinto muitassaudades deles, daquele tempo maravilhoso, porque

Texto 10

Eu tinha um tio cujoapelido era Didico. Ele era o tio deque eu mais gostava, ele sempre estava fazendo a família se unir quase todos os finais de semana, ele inventava alguma bagunça no quintal da minha avó. Depois da morte do meu avô, a família se afastou muito, então a ousadia do meu tio nos unia, a minha avó não gostava muito porque o meu tio era pagodeiro e ele era muito conhecido no bairro, juntava toda a família e os pagodeiros da comunidade. Era muito bom. Eu era a fã número um dele, e a minha avó sempre ficava com uma cara de brava, mas ela gostava, no fim ela sempre fazia uma enorme feijoada no forno a lenha, porque era muita gente pra comer e a dela era a melhor. No fim, todos nós ficávamos felizes por nos reunimos. Aos 34 anos de idade do meu tio a festa acabou, ele faleceu vítima da bebida acho que quando não estávamos juntos ele se entristecia muito e bebia de mais, então se foi o samba e se deu lugar ao choro a casa da minha avó nunca mais foi alegre, o meu tio predileto se foi e minha mãe não me deixou ir dar o ultimo adeus a ele, porque ela sabia o quanto que eu o amava muito.

Texto 11

Eu fui crido pelo meu avô que si chamava Raimundo Geraldo da Silvaera o Homem muito vigoroso emuito respeitado no povoado pela família e toda a população e veiu a falecer em 1956 a 56 anos de idade na cidade Itainópolis a ande eliquio toda a famili

Texto 12

Minha primeira professora.

Professora Eunice.

Há alguns anos, tive a felicidade de ter uma excelente professora.

Uma pessoahonesta, tinha pulso firme em suas atividades em sala de aula.

Entre todos os professoresera muito respeitada por todos os alunos.

Porémesse temor pela mesma não queria dizer que ela era uma pessoa má.

Apenasera intolerante em determinadas situação.

Ainda lembro com"riqueza" o dia em que escrevi meu nome "roluto" no lugar de escrever Roberto.

Hoje entendo que ela não tinha à intenção de min expor, apenas corrigiro que estava errado.

Claro que serviu de muitas gargalhadas naqueledia a todos.

Até as palmatórias que doíam tanto hoje até mim faz sorrir.

Ah!que saudades de todos,

Ah!que falta tenho de todos,

Por onde anda a professora Eunice agora?

Sequência narrativa a partir do conto "Circuito fechado":

Texto 1

EU naquele dia pela manhã, coloquei os chinelos e fui ao banheiro, usei o vaso sanitário. Lavei na pia minhas mãos com água, e sabonete. Depois peguei a escova e o creme dental pra escovar meus dentes. Então com o creme de barbear e o pincel, fiz espuma e com a gilete e fiz a barba. Com água fria passei creme no cabelo e sequei com uma toalha. Passei o pente no cabelo, e depois vestir a cueca e também a camisa e fechei com a abotoadurasem seguida vestir a calça, coloquei as meias e o sapatos. Peguei minha agenda, o telefone, o copo com lápis e caneta, o bloco de notas e a espátula, pasta com o controle de caixa, entrada e saída.

Texto 2

EU levantei, coloquei os Chinelos, fui ao banheiro, usei o vaso, dei descarga, e fui ate a pia, lavei as mãos com sabonete, peguei a escova e o creme dental, a água estava fria, peguei o pincel, passei espuma de barbear, usei a gilete, tomei banho, peguei a toalha, peguei o creme para os cabelos, vesti a calça

Texto 3

Eu coloquei os chinelose fui escovar os dentes na pia, peguei a escova de cabelo penteei o meu cabelo coloquei a camisa tfui trabalha

Texto 4

Eu calcei os chinelos e fui no banheiro e usei o vaso e dei descarga e Escovei os dente co creme dental e ousei a água, para toma banho e usei a toalha de sequei o rosto e passei o creme

Texto 5

Hoje eu acordei logo cedo com muito sono e levantei da cama procurando o chinelo. Em seguida, usei o vaso e logo após o uso, dei descarga. Fui em direção à pia e peguei o sabonete pra tomar um banho e, aproveitando, coloquei a pasta de dente na escova e escovei os dentes. Para ficar mais bonito, procurei pegar o creme de barbear, passando o pincel com creme espumante levemente, comecei a passar a gilete sobre o rosto e, retirando os pelos da barba, lavei o rosto com água fria, entrei no banheiro, fechei a cortina e tomei banho , peguei a toalha pra se secar, fui ao quarto, peguei minhas roupas e comecei a me produzir, colocando um calça, meias ,sapatos, cuecas ,camisas. Saindo do quarto, peguei o telefone, uma agenda, lápis , canetas para marcar os recados em um bloco de notas, segurando um copo de água, fui atrás de uma pasta , peguei uma caixa onde eu

guardo meus arquivos . Antes de trabalhar, vou saindo para o quintal, ando em direção ao vaso com plantas arrumoquadros pego os papéis, vou à cozinha, levo a bandeja , xicara, talheres , pires, copo para lavar

Texto 6

Eucoloquei chinelos, tirei a roupa para tomar banho, todo dia eu saía para trabalhar, aí, quando cheguei fui passar roupa e lavar, eu fui telefona fala com meu amo bis

Texto 7

Eu coloqueio chinelo e fui ao banheiro. Peguei o sabonete, a escova, o creme dental e escovei os dentes. Tomei banho e peguei o creme para pentear os cabelos. Pus as meias finas, coloquei os sapatos peguei o telefone agenda copo com lápis caneta blocos de notas espátulas olhei no relógio vi que estava na hora de sair para ir para o trabalho

Texto 8

EU acordei cedo, calcei o chinelo, fui ao vaso, dei descarga, fui à pia, usei o sabonete, usei a água e a escova, e usei o creme dental, usei água e a espuma, e o creme de barbear, e usei o pincel, e a espuma e gilete e água e abri a cortina, e usei o sabonete, e a água fria, e a água quente, e depois usei a toalha e o creme para cabelo e usei o pente e depois usei cueca e a camisa e botei a abotoadura e verti a calça e a meia e o sapatos fui ao telefone, pego a agenda e o copo com os lápis e caneta e o bloco de notas e a espátula e a pastas.

Texto 9

Eucoloquei os chinelos e fui ao banheiro e fui a pia e lavei o rosto.

Peguei a escova, escoveios dentes eu fui tomar banho dai fui tuma

Cafécom a família dai fui trabalhar muito longe e figo casado mas

Nãodesisto

Texto 10

MARCOSCALÇOU OS CHINELOS E FOI AO BANHEIRO ESCOVAR OS DENTES, TOMOU BANHO, DE SECOU, PENTEOU O CABELO, VESTIU A ROUPA E FOI PARA O TRABALHO. AO CHEGAR, FEZ CAFÉ, LAVOU ROUPA E FEZ ALMOÇO, DEPOS ELE FOI PASSAR ROUPA, LAVOU OS BANHEIROS E ARUMOU A CASA E FOI EMBORA PARA CASA DELE.

Texto 11

Eufui escovar os dentes com água fria na pia calça meias sapatos camisa, acendi cigarro com fósforo, bloco de papel, caneta, projetos filmes xícara lápis projetos anúncios relatórios quadros papeis cheques notas vales memorandos telefone anúncios.

Texto 12

Eu coloquei o chinelo e fui ao banheiro escovar os dentes, depois tomei um banho, depoissentei na mesa para tomar café, depois fui pegar ônibus e fui trabalhar. Quando cheguei à empresa atrasado dez minutos, levei uma suspensão de um dia, fiquei muito chateado, mais a vida continua, aqui está meu comentário do dia a dia.

B) TEXTOS PRODUZIDOS NA SALA DE AULA

São Paulo 09 de outubro de 2015.

iera perguena, tinha pers anos, contrever as difficuldades. Eramos inmao e eu tanto preconcerto, vios nunca parte quem e pagaria aluquel limpava a casa, hosses icadennos yana ver as notas, noupas I que ela recebia com peu palária só' dava para pagar aqua, luz, aluguist, sobrava o gas duantas roites passamos contaramos com ajudo mos pais durnido, abacate com farinha Parinha acucar, feijas com pre quanhava alimentos que não quando ela aundada a esperando, en mas ela sabia. Mas que dividiamos escorar a dentes e tomava, um icapo Praca em pande, mas forte em exoca tão dificio, minha mai

contra, precencito racial, a pela priconcita familiar, por politicina, in ourice Eluando fiz passer a midas tocarra a rsupa nhegava atrasada as patio, cantar os hinos bandeing. a minha professora a explica is men ajudana minhas roupas vinava piada. Eu era timide a pain, as professoras , lanche, popa, bolachas perguntas, un tinha una garates, que jogaram contava pra minha mãe, e confusão e pe alquem dobrado, ele pempre estara emprego, en pentia mas nou um dia algo mudar, a corder cede, aranx

ous comas, as mochilas nos trocamos i formos para uscala a mus ma notina, man tinha uma diferenza, no caminho de volta pra usa, aquele mening estavam la com, for um quebra- pau danado, quem ultimo día de tantas ofunças, apos cara, estavamos con medo, se minha partiesse, in ja não tinha tanto meda, pensei que flagendo io certo. Unando chegamos em ismao no calo pra dar banha e troquei iem um tijalo pro inquentar o feijao num bocas que ficarra um cima da pia, depous houca e coloquer men dermin, quando minha mal chegon, from achoù estanto, tolheou os nossos cadernos, loi de novo, en não palaca lavar po não richmay e final de penana, una son minha may us fatou popue as brigas, in o bate-boon, quando quando oura nas entendi, mas quando ja tinha possado o pusto, ula cha may Jasendo isso, brigando usta parecendo Eles jegavam pedras, chamase negrinho sujo, a Jalam que , e me chingan Dalon ma, ia aparhar em cosa, mas en Marsa hora vi ula se calar, ai ula paria e

da vízinha, a começaram outo bate boca, voltou pra casa o braço a torcer aliniada, mas vao den chamer passaram eles passeram mimo samportamento, li usa muito lo anos de idade, isso preocupara mae. E Poi bomeum! longe tempo. viviamos Os anos passaram anos, passamos por garhei um pai, uma chamava chica, da im di passar a mudan, Graças a Deur, se dece inicio a un monta

	Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Øm
	Les Crelida eas
	Donde hassi fa mas esquece!
	Designi ande nasci de motas Merdejantes;
	tipo e cachaeiras agrin é minha titra.
	noser em Setio Central Velho município
	de Catraiba Pe. ainda me Sensbro
	Claramente apesair de fazer anos e dicadas,
	fur difficultante de sa e motro na Capital.
	- Ainda tembo vino na miemoria, que
	Haviam Ghandes hogados de men pai en
	ainde de muito criança com idade de
	5 anos mas ainda lembro que se faimava
	aquele dia tão lindo muito quente e a
	atarde na quele cir tão bonito nublado
	Coborto do nevocitos pulados que en ainda
	era tão criança chegava apencar que ja
	era noite; nos percebenos anamas
	notureza trabalhavam cuidadozamiento para
	Quando fosse de tandigimba pra noite; nos estenden leus Semeses Quando de principale o
	Chuver ouvia-mos es trovois e rulampagos.
	Dos mens 10 all anos en e mens irmãos
	bricava-mos de burrincas nos contava-mo
, K	a madière e nos mesmos faziamos a
	burounca colocava-mos carvão pra guando
	rodable fazer baronelho air 2 montavan e 1
	Modave Luava cada queda que chigava a
	gemen quando Quantova mos montovam
	mosamente chegava a ficar tonto men
	equalibrara de pré
	na may na ang katalang na Pasama da katalah na ababa
	그리고 말했다. 취하다 등 나라지나가 제공하다 있었다. 뭐하나 뭐하는 뭐하는 뭐 하는 뭐 하는 것이 나를 하는

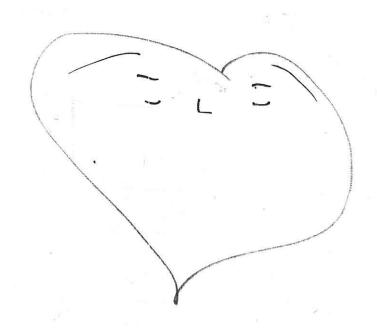
Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom Ma a dole cencia como fosse horse algum lugar com pussoa brincalhão mas nunto exoca des curtin papel mus Arumeiro men 39 Comprecção modelogum gora chern

Se	g Ter Qua Qui Sex Sáb Dom
A SING S	Kescarda cons de Onde
	nasei ja mas esqueci!
-	or many in facility
6	lugar onde nasce de moitas presidente, piùs :
2	achoinas assum a musha tertra.
\triangle	asci em Sitio Cutad Autho municipio de
٥	arnaiba DE. ainda me lembro claramente
<u>_</u>	pular de fagur anos e décadas que dispedi-
Α	re de la emotio na capital ainda tenha ao
ρ	Na ma mansoria Havia Grandes Locados
- Os	men pai ainda des quando muito Orianca
i	lade de 5 amos mais anda lambro de
1	ohmava aquele dia tao lindo muito quente
	ao chegar atorde na Jude Cen toro bonito
	usblado nevairos pesado mas percebemos que
22	mamãe matureza trabathava cuidadozamente
po	vos extenden seus lanções quando se
p.	reparava a Chour Ouvia-mos os estrandos
de	es trous e relempagos. Los mus Loals.
مک	nos en le mens inmãos brincava-mos
	burrinca mois cortava a madiera e
	usano pagia abervinca e pugua carvão pro
9.	mando podasse ela gritare dois monteve e
F	odava mais elevava quida que chegava agement
9	uando de levantava de pre montava de novo
ن ن	regale a final tonto que nom se equeli-
b	novem pre Chegando adolecimio lembro como
+	old hope & men poi tinher a quele ciune
da	A filhas tinha aquele cuidado só ia
be	was alguns bigati com pellos da confian
e	a dele
<i>y</i>	
	그는 그렇게 좀 끊게 되면만 그렇지만 된 때 투고이라는데 보이고 하는데 요즘 다른
	에 다른 얼마를 하는데 하는 그리는 그리는 이렇게 되었다. 그 중에는 그리

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dom 030 Gromantice - Misma Funditis modelag moinar So tembo Nocas, envuen Griacas Compationedo bartante nuit Abrugado turana do ligo Duns a ban la a todos Trancis

Redocato
1 mintea historia
- Eu me chomo Diones, novsei em são
rould en 18 de junho de 1980 meur pais
est chomom Geralde e Warw, tenho
The mass
- mondo complete cinco pro meus sois viol
with follow pora a goverbor Dur. Trans
the small la course minde domition
to grandes someondes more out a little
ate hose.
- comecu trabalhor muito cedo, ajudando
men pai na roca e pastorando o godo!
1+ and renguible o mall Originalis
emprego no quar trabellie por 6 and
an 2003 weller sono sano faulo derro un
mus for com emprico cento
and tenumin are hope NO mesmo and confin
minho espesa, nos casomos e contruimos
Transport of the state of the s
- Hose tenho dois vilhos um ale 8.
- Hoje tenho dois filhos um de 8 e Outro de 4 anos, conquistei minha cosos proprios sulvi de casos
proprio, sulvi de cargo ma empresa
e luto
e luto por uma vida melhor pror
min e pra nimba família.
multon contact que podemos conquestos
Pois acrédito que podemos conquistos muitos caisas quando temos forços de vontade.
- Comment of the comm

Mínha cidade e muito la la Come de la muito la como era de tempas de minha cinfo con for muito meno men pari esta a con la la la morar en parte de la proposición. En morar en parte de la proposición de la maio boincom so proposición. En trabanhar En tenha como de la maio.



a bristoria da minha vidu
Men pai era a gricultor, ele Fraballiaia na lavoira para
Sustentar a familia, que
desires minha más mistres e
foi muito dolorosa a reaccio da minlha aro pois ela perdui. duas filhas. Ela ficou truste
porque seus netos ficaram- arfais eto pequences. perdi Adolescincia paracuidas dos meus irmais

L	
7	The same and the s
<u> </u>	Redaccie Impantis
No. C.	
	our dia 22/0/4/2000 un la majorio
	o don yeurs l'acte o, mayor racte
interm	when and compliance my aluna can
1	que la a melher de mar sur sur
	ely tudo a que estara ar mon alonsa
	ledar are meneral difficultante of washing
	da, la pensi cario, jeze mi donin
000000000000000000000000000000000000000	array of many fact and complement trans
indg am	premte Guande us eras paque as misis
pay Inc	i toprasta, e man france mucho me cono
131 303	e aprende es escolares es obresida es
M.	
11	excelar timbra rambo comment in a ma al
	The remposition resident the control of the
Do Tip	so o by whenyou result
1 - 11 - in	La mas donalias for board and more
	ratabilha mor desur de manero
	1
	LUL DAL LE MAN LETON MARINE DE LETON
	I mill in de idea de la lace de
TITLE .	de marante in de in mone
GRONI	

(1/0 4/19)
mails but show for any concernion.
The Description of the Control of th
Ele passara de cinco as sete dias vives de
o caral us colson for man of course may a
monico cousa, cintas ela en manha mas is
- Landie.
Cegara ele e altername, tralaira pour els
madinar more teveres son Liaquinquerilla
- whomes for Sar haule, is as also
finalminde estas segundo (x.11)
rement in mamph) who concerd nature
the mulas weres more designed contractings.
o de que quer mas un crane
- come purition, per miner
me Centeries here: prospetuate pour
- men mer sida, e mas me primition de se
* Gland March
0
Marie
© Disney
그래요요. 이번 그림이 되었다. 이 내고 그냥 먹는데 모임하셨다면 하지 않는다.
소리가 가지 하는 사람들이 가장 하는 아무지 않는 이번 살을 하지 않는데 하는데

	6 /0 2015
	Said Paulo
	S. MASI Em.
	1963
	- Eu mosa mo vitado de Penantinue, no En nivo
	Chamado Calônia, filha il Ageman alles, da sellas
	e de Celima Evancision da Solles Jourtain presitos de
	trabalhos ma cara de familia, como mu irmãos
	tabien Puscava Peixa no suo e brincava ide bomica
1 E	men la una agricultar, trabalherra an Roça a
	mucha mas una doma de casa, i callan a os simos
	Com mueta Sasisavia C Parai Ficara Contento Para
	Passya of Tempo. En En minima ma sidade de Primarios
	Para tradodlica mar coma de Carulia, Para Julia, Bull Proprio
	Sinhino & Comprava Visitio muito conito Visita
	mortinha um processora que Chamaya Mais
	Luraux, Jastava muito da aula sula, Depois 'il.
	Foi apposed Paro Outro englenno. l'auto arrayi
	2 NUNCO mais es a vi F EU PARREI de STUDAR.
	O brigado may Duy 1
The second second	
X 2 X	e ya ku 1912년 1일 시간
	그리는 살이 하는 것도 하는 것도 하는 것들이 없었다. 그는 이 남은 하라고 있는 것이 없는 것이 없는 것이 없었다.

Seg Ter Qua Qui Sax Sáb Dom CILJA PELO MEOS AVOS En un Pavado CHAMADO de ItaiNoPolis em CIDADE MEIL CAPIN Que MADIA PRETA Monno 10 MORRO MADGO CONFORM. DÁ KIDA EN NASCI Mullallo FORAM PALA En CONSTRU MINHO OD Paulo ONde Que dEPOS PASSONA + amiliA CHAND

		110	
3+110101 ×	CIESA	4º T	Seg Ter Qua Qul Sex Sáb L
Principles of the Control of the Con		· · · · · ·	i Crisdo PELO
MEUS AVI	55. E M		S. En un Povo
CHAMADO	dE JENIP,	APO que	e PASSOLI A
MADO DE	ITAINOPOL	is, EN	1954 MEVI
CHAMAVA	· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·		. ! E
MINHA N	AL CHAM	ava Ma	RIA
PASSI	= 1 1 11/1/	ua last	ANCIA. NA FA
BendA MA	pia PRETA.	VA EPO	CA EU ENA M
to 20VEM.	Eumal	MEÂNCI	a monto dit
			PARA O POVOR
		Character and the control of the con	SANTO INACIO
Piani EM 19	60 Mud	AMOS	PANA Picos do
	971. 84	Mudei	PARA SOO POUL
			MILIA E A ATO
HOTE Eu-	VIVO C	om A	FAMILIA. dEPE
			NINHA MÁE
CE MUdo. A FALECE			NHOO E VE
MILLEL	U, CM	1995	
		1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1	
* * * * * * * * * * * * * * * * * * *			
-			h.
		mass of the second	
	~		
FORONI)	

98/07 / 15

a Historia de um trabalhando

L'allro liverino Portrigue. da silve mora me sertos da Bais non sidadentes Chamada fialho de Santana BA. Filho de parrilio palme, o lande som lanie and sover la sold total on la laviera fora Criaje Eu e meus quantro irmos, a ande nos formas Criando mo Sitio chamado facarie, ande mor Bruneaster Com some and silver a many the day Homem Conseques a traballina a partir dot dez ano, porque grande to Saughe but no busidos or Entos Dundelki Traballia ma flage mais o men (mi. Ande En e men pour Vivis trabalisantes Juine Suntenta morson familie nos alcontessos en do papai levantario primino por O losse le fin emlengindon perio would para tina 6 let, e quando cin el sloves o metragent since lac Seralando O leile Ossi Loi ali mens It amon. Aeroldin e en Boro paro minus gerais a linde posse the one, a onde Volter a bosolory ate termine a 11: sei Loi home o interior - can the lan passer lines and trobulla es Conte de lana de aprolon o ma laraga delai foi pour cofital onse Consecei oelles lomos con tailes pour Costudo de Servente de abor forme une la franciera de Servente e ai dero una curporturnidade de entamador france quatro anos de entamador lo dai laurei para entarregador de Hidraulica.

Constai a mamora lom uma moro do enterio de sos franco, Carle lam bla, lo tirk duos filhas lom bla la Hose.

	A Historia de una hakallaran
	Sur, Zamellor i Silva marie no Sensa.
Ola	a Bohis inuna Cidooleginha Chamada Riodra de
	santame BA.
	Fillio de Formeio forbre, men por le minha Mats
to	okallartism na lorteura para crión men quanto
	rinas, Non Former Viadas on um Sitio Chamado
	alone, and Nor Brinconsomer com ment irmos
. /	Tuando Can. O mas Villo dos Homens,
	megala & trabalhar or Partir dos dez omas.
	ague quainds, tinha um Sete, on a Safri
	ULLYING no Encora la tes percheta Trabalhar
	a perso com O' men pai.
	En e men pai Virlemor trabalhando . ma
	estertar mossa familia. Nos alordavamos (esto.
	open liventiana por por form form of up
	En en Seguida. Tamos do Curral iana
	non 19 lette e, quando o sul flavaria, fragistamos
	Cavalo e Igmos Cano a lidade lesando o leite.
	Entos Pershi in entona por Miror Gerais
(0.	nde passei très anon, Volter a Escala até.
	uminer, a 4: Serie.
	E de la Fui potro O 1, terior de Sat Parlo
6	ande lan passer like and traballiando no late
	lana re-alicar e ma Calheta da la varja
	since très langes amos.
1	E Fri los a lapital lande lamelei a
to	ratealhar, lamo an tisha porces Estrolo fui.
	rakulhar ma Okra de Ogrodoute de adrais

Passei um tamo e tice	ums. Opotimidade
de Tankalina lamo excanado	e le lassi mar.
quatro anos e Tile ou	The Questimidents Lo
encontració de Hudroudi	
Onando Cregui oc	the state of the s
Comelei a mamorare lom	
de Sos Paulo, lossi lom	Talo i tinhings due
Fillows e Unimos guntos o	ite Hose
	1.100
. (
and the second s	

3	
	이 가는 그리네 그는 이 있다고 있다. 그 사이 아이에 안 보고 하다면 되면 됐다.
	보고 보이 하는데 하는데 그렇게 모르게 되고 하는데 되는 이렇게 되었다. 이 아름이 없다.
	esta é a minha lida
	Ish I a month with
	8/11/
	Propo paruson nuci (1965/5668)
	Propo parasa, nucy (1965) 5669
	more Dixto ferzo de iso mos
	BiBoca, do notaeste mu pai, em agri
× ,	property on the court of the party of the
	altal mulo ifor was a suplula glisal
	a sel Para Botaro sustento dentro de
	cora mintra mal tomBean, tyBalulla
	mito Chillian to the state of t
	muto Em fical doente divinte à grunidos
	of as, Vierdon as constquencias.
	tubalhava . Cresci e fui more ma
	Dell to To 11/-/ + 1
	com do Sel tato vivil trubalhando our
	Roch de sol a sol Hose sol o homen as
	Roca de 30 a Sal Hoge Sal o honon as
	your as grayou or ell
7	
10 10	
	나는 이 계속을 하셨는데 뒤집에 살아가 되었다면 생각이 하는데 살아 먹는 모래 나다.
	이 맛있다면 바람이 들어 있어요. 항상 사람들이 하면 그런 이 아들에게 먹었는데 함께 되었다.
	뭐 먹으다. 하고 모든 사람들이 하는 맛이 있죠 그렇게하는 요한 요요 없어 하다. 나누가 이 것이었다.

	그런데 다 그리는 시간에 되어 내려 가는 사람이 된다고 있었다.
	ester i a mintra tida.
	000
	propo porusta naci (1965) 566;
	numer Dixto Livro de visto mos
	BiBoon, do mondeste mu Par, gra agri
	altor mulo iforodor e turbulge gli sel
	a sol Para Botaro sustento dentyo de
	cara minha mul tamBean tyBalulla,
	muto En fical donte divante a grunido,
	of as Vierdon as consequencias.
	tubolhova. Cresci e fei more m
	un do Sel tato vivil trubalharias our
	Drown and Solling Solling Solling
	Roch de su a su Huge sau a navier as
	Roch de sol a Sal Hage sal a homen as
2	
9. 444	
*	
F	되는 이 1일을 가면서 살아보다 되었다. 사람들은 모양을 보다 하는 사람들은 사람들은 사람들이 살아보다 되었다.
	날리 경기가 되었다면 하시네요? 그리고 얼마나 하게 된 그리고 화가를 받는

06/20/208 DOM SEG TER QUA QUI SEX SAB dação em familia e andava Pana DUCE 1 coca do Agente sendre (MMOOS. tona almoral into casa deles a minha

anousi orm 1975 ornic Ou tive una jujancia maravilhera leite das poi a educação que mi de in kora Corsa muito Mader e anorol Com mishe on

isto reviu de aprendizad 13, mi trabalhar em casa minha irma depois, 100 trabalhar em uma granta encarar todes as situações I had en posso passar as continhas experiências para meus As veses lengtho; guando Crianca i mão tenha brinquidos Entreta, to, mão me arrespendo, o e are how in exten buscando, atr vés do CIEJA, uma 10-va a ruis abotinos que o lacos se terran realidade : Qua do Priarrea, imagi se prodiami.

Seg Ter Qua Qui Sex Sáb Dem tembrei que, bento a minha licavarnos

Seg Tor Qual Qual Sev Sata Dom
y blokentes Com grunde Carinto e
isto fecou ma memoria.
- Amora Correr no posto enquanto as
Cabrar se alimentarionne de subir a o pi
de Parambola:
- Estas landinarios or e vien à une te tra-
36 do junto a saudade e me fázendo pensar que
eu queria violtor no ter po e consertar o
posedo, ciras mão tem o que pose, entar
me preparo, o jeto é conter.
Vivor um die de Pada ou, vivier Con
firméga pagndo o que sei: Que é amos
a vida, aman a próximo, a craturega;
amar a Deus com certezo, com fé e
esperânça, Como se josse aindo uma
Eriança.
Esta son en mai orome é Adriana.
omero há eo anos en São Paulo.
Co o de de la
Sou casada tenho 3 filhos e sou plis
fim
그는 이 그는 이 그는 그는 그는 그를 가는 그를 가는 것이 되었다. 그는 그를 가는 사람들이 되었다. 그는 그를 가는 것이 되었다.